

# }3.1.

**PRADA GARCÍA, Luis de, *La caridad conyugal, una amistad que construye una vida*. Madrid: Didaskolos, 2017, 427 p.**

Provavelmente ninguém imaginaria, em 1987 – ano em que surgiram, em Cuenca, os Discípulos dos Corações de Jesus e Maria –, que aquele que viria a ser o seu primeiro sacerdote publicaria, exatamente trinta anos depois desse começo, a sua tese de doutoramento. Todavia, foi isso mesmo que aconteceu. Beneficiando de pertencer a uma instituição que possui uma editora muito ativa, notavelmente no que concerne à publicação das obras dos seus membros, Luis de Prada García (LdPG) viu ser editada, na forma da obra que presentemente se passará a revisar, o texto que apresentou para obter o seu doutoramento no, contemporaneamente presidido por Pierangelo Sequeri, Pontifício Instituto João Paulo II para os estudos sobre o Matrimónio e a Família.

LdPG possui uma vasta experiência na área do acompanhamento pastoral, sobretudo de famílias e matrimónios católicos, e teve, durante anos, uma importante presença na Comissão Episcopal Espanhola, notavelmente enquanto diretor do Secretariado da Subcomissão para a Família e a Defesa da Vida. Havendo sido igualmente, e por um considerável tempo, superior-geral do instituto religioso a que pertence,

LdPG é uma pessoa muito conceituada e respeitada nos meios eclesiais espanhóis, sendo, além do mais, o autor da, em diversos âmbitos, muita afamada obra *El misterio de una amistad: Discípulos en el Señor*. Presentemente, à altura da redação destas palavras (julho de 2018), LdPG serve a Igreja também como colaborador assistente na paróquia madrilenha de Santa María Josefa del Corazón de Jesús.

Como já referimos mais acima, a obra que estamos a revisar é fruto de um trabalho que, tendo sido orientado por Gregorio Miguel García Carrasco – professor, igualmente, na faculdade de teologia San Dámaso em Madrid –, foi pensado primeiramente para a obtenção do grau de Doutor em Teologia (do Matrimónio e da Família). Este facto, que marca inegavelmente o texto de LdPG, talvez pudesse convidar a que os mais desatentos retirassem imediatamente uma série de ilações sobre aquela obra. Contudo, também neste caso é verdade que, invertendo-se a ordem das palavras a um adágio bem popular, nem tudo o que é ouro reluz. Claro que as nossas presentes frases versam sobre um livro e não sobre o ouro – e convém não confundir estas duas realidades, até porque,

tanto quanto sabemos, não se deve substituir um dente caído por uma prótese de papel –, mas em breve o que afirmámos tornar-se-á compreensível.

"*La caridad conyugal*" tem um título extenso e assaz coerente com o conteúdo apresentado no texto. Tem ainda um subtítulo igualmente amplo: *Estudio teológico-pastoral en Familiaris consortio y Carta a las familias (Juan Pablo II)*. Este subtítulo não é tão fiel ao conteúdo da obra, pois só refere dois documentos que surgem como base a este trabalho e que, por sinal, não são abordados em maior extensão do que os demais textos trabalhados com aquele fito. Mas não só: o estudo da temática assinalada no subtítulo apenas se estende por cerca de um quinto da totalidade da obra. De qualquer modo, trata-se de um subtítulo que deixa claro, desde logo, o escopo, quer da qualidade, quer das conclusões que vão sendo apresentadas por LdPG. Juan José Díez del Corral – autor que, mesmo entre diversos encómios, escreveu um pertinente e franco prólogo a esta obra, que não é a menos valiosa porção da mesma – não deixa de salientar isto mesmo.

A obra está dividida em três partes, de valor consideravelmente diferente, mas que também fazem da sua leitura uma experiência da constatação do que é a realidade eclesial e social contemporânea. A ordenação de tais partes não deixa de ser curiosa e convida à reflexão acerca dos motivos, além dos manifestados por LdPG, para a escolha de tal disposição. Na realidade, só depois de ser apresentado o que João Paulo II entende ser a "caridade conjugal" (1.<sup>a</sup> parte) é que LdPG discorre sobre o sentido desse conceito (2.<sup>a</sup> parte). O mais convencional seria tratar do que se entende por "caridade conjugal" e só depois centrar-se no que João Paulo II trouxe de original e relevante para esse conceito. Ao não ter seguido esta mais tradicional

organização, LdPG não só lança um formidável e interessante desafio ao leitor, como, no que não é a mais pequena marca desta obra, acaba por discorrer sobre o que é aquele conceito já a partir do que disse aqueloutro Sumo Pontífice. Seja como for, é a partir destas circunstâncias que surge uma interessante, e nem sempre desencontrada, reflexão acerca da relação entre a "espiritualidade conjugal" e a "pastoral familiar" (3.<sup>a</sup> parte). Mas vejamos, com um maior detalhe, o mais relevante de cada uma destas três partes.

Na primeira das partes desta obra, o autor versa sobre a "caridade conjugal" tal como este conceito é tratado no magistério eclesial desde Pio XI até ao pontificado de João Paulo II, sendo pena que não aborde, depois de apresentar uma síntese do mencionado por aquele Papa e de um modo também intencionalmente sistemático, o aduzido por Bento XVI e, sobretudo devido à importância da "*Amoris laetitia*", Francisco. Claro que o objetivo desta obra é o de salientar a importância do contributo de João Paulo II para a temática central daquela, mas o verdadeiro valor de tal contributo ficaria muito mais claro se LdPG tivesse igualmente inserido já nesta parte, e não apenas nas seguintes e apenas de um modo avulso, o referido pelos Papas que lhe sucederam. Seja como for, LdPG deixa claro que o II Concílio do Vaticano é um elemento-charneira para o que João Paulo II recebeu, neste caso acerca da "caridade conjugal", do magistério anterior a si. Com os documentos de tal Concílio passou-se de uma visão jurídica marcada pela doutrina, já de si problemática a diversos níveis, dos três "bens do matrimónio", para uma perspetiva essencialmente personalista que apresenta, sem desenvolver em pormenor, o matrimónio como genuína causa de santificação. Já acerca do que João Paulo II refere

sobre aquela temática, LdPG, no que nos parece muito esclarecedor sobre o valor real da sua apreciação, aduz que a mais marcante contribuição daquele pode ser expressa por uma breve citação presente no número 13 da *"Familiaris consortio"*: "a caridade conjugal, que é o modo próprio e específico com que os esposos participam e são chamados a viver a mesma caridade de Cristo que Se entrega sobre a Cruz" (p. 95). Eis aqui, a diversos níveis nem sempre independentes, tão pouco e, ao mesmo tempo, tanto.

Avançando-se para a segunda parte de *"La caridad conyugal"*, deparamo-nos com três capítulos. No primeiro, LdPG foca-se nos fundamentos antropológicos daquela noção. No segundo, o autor, baseando-se em compreensões particularmente tradicionais não isentas de equívocos lamentáveis (cf. p. 241), foca-se na relação existente entre a "caridade" e a "amizade". Por fim, no terceiro capítulo desta segunda parte da obra, LdPG procura apontar a sua compreensão do que pode e deve ser a "caridade conjugal" enquanto uma nova forma de união numa conexão com a fidelidade de Deus e o perdão que potencia uma nova fecundidade no Espírito Santo. Não há dúvida alguma de que o resultado final destes três capítulos tem o seu valor, e só isto, quando visto com olhos de ver, mostra que este livro merece que lhe seja dada uma franca atenção. Com efeito, fica-se suficientemente esclarecido que, para LdPG, a "caridade conjugal" estrutura-se sobre uma inseparável afinidade entre a natureza humana e a pessoa humana. Uma afinidade que, no que pode levantar algumas interrogações que mereciam ser menos atalhadas, potencia um amor de amizade qualificada que, embora precedendo os esposos, só se concretiza na vivência matrimonial cristã. Com tal lastro bem firme, aquela caridade, enquanto entrega

recíproca de pessoas na fidelidade, possui a virtualidade de estar aberta a uma vida de fecundidade que, precedendo os esposos, não depende totalmente dos mesmos, encontrando antes o seu fundamento e meta na própria realidade do Deus-Amor que cria o ser humano à Sua imagem e semelhança. Na realidade e no que nos parece uma das mais conseguidas reflexões de LdPG, a "caridade conjugal" baseia-se na comunicação divina do próprio amor intratrinitário, que suscita, nos amantes humanos, a busca de uma reciprocidade no amor mediante a aceitação afetiva do amado. Esta aceitação fortalece a mencionada união, a qual congrega aqueles amantes numa comunhão que, pela ação do Espírito, os une na, e até à, própria vida de Deus, no que faz do amor esponsal a máxima expressão do amor divino (cf. p. 249s). Mas, para LdPG, o Espírito vai mais longe na Sua ação: Ele, pelo facto de o matrimónio ser um sacramento da união entre Cristo e a Sua Igreja, dá-*Se* de modo mais fecundo aos esposos cristãos, espiritualizando o humano nas suas fraquezas perdoantes e fortalezas engrandecidas.

Na terceira e derradeira parte desta obra, LdPG tenta, o melhor que visivelmente é capaz, apresentar argumentos pessoais, baseados no exposto por si previamente, acerca daquilo que poderá ser, quer uma espiritualidade conjugal cristã, quer uma pastoral familiar que cuide de tal vivência espiritual. Não estamos certos de que LdPG leve em real consideração as especificidades antropológicas, sociais e culturais contemporâneas. Dito isto, não se pode deixar de assinalar que o seu intento, mesmo pelo meio de algumas carências derivadas das suas opções metodológicas, destapa alguns aspetos que merecem ser ponderados com grande respeito. Desde logo somos confrontados com a afirmação, muitíssimo problemática em mais do que

um sentido, de que a espiritualidade conjugal, enquanto caminho específico para a santidade, deve radicalmente evitar ser permeada por propostas espirituais alheias a tal caminho e que não valorizam a dimensão comunal da vivência espiritual dos esposos. Esta deve estar baseada no acolher, cuidar, manifestar e transmitir o amor no cenário de uma "Igreja doméstica" que transmite a fé e potencia a abertura de cada membro da família à realização do seu chamamento ao amor. Se assim é, e segundo LdPG e no que nos parece uma perspetiva muito parcial e insuficiente, toda a pastoral familiar deve estar centrada na "caridade conjugal" (p. 342), pois só assim a plenitude humana dos membros da família será alcançada.

Como pode ser constatado, estamos ante uma obra que não é desprovida de valor, mas é possível que alguns leitores sintam que a mesma é curta. Com efeito, as fontes parecem ser parciais e limitadas – onde estão, com efeito, obras fundamentais como *Metaphysik Der Gemeinschaft*, de Dietrich Von Hildebrand, *Dasein in Liebe – miteinander und füreinander*, de Georg Kraus, *Amore e sessualità*, de Tullo Goffi, e *Conjugal Spirituality: The Primacy of Mutual Love in Christian Tradition*, de Mary Anne McPherson Oliver? – e focadas na sustentação de uma convicção – o papel insuperável de João Paulo II na noção de "caridade conjugal" e nas mais sadias orientações para uma espiritualidade e pastoral familiar – crida *a priori*. Disto decorre, de certo modo, que as conclusões de LdPG possam aparentar, na sua análise pouco profunda e sem grande capacidade de distanciamento crítico das fontes consideradas, uma relativa incipiência e não menor parcialidade.

A própria forma de escrever de LdPG, mais orientada por uma afinidade pastoral do que científica, parece-se, em não poucos momentos, um pouco como a de alguém que deseja fatiar um naco de carne curtida com as asas de uma borboleta, naquilo que faz com que a leitura deste texto levante a ideia de que a realização deste estudo se deveu mais a oportunidades ou conveniências exteriores do que a uma maturidade académica de base. Este facto é igualmente patente na constatação de que LdPG parece dar mais valor a tentar mostrar a verdade da sua argumentação do que a das assunções que a sustentam, elemento este que poderá justificar, ou pelo menos explicar, que se considere que o que de mais relevante este estudo possui poderia ser apresentado num, bem mais sucinto, artigo de revista, que, para obter uma maior valia e conforme já salientámos, deveria dar mais atenção à especificidade da existência humana cristã no cenário da nova modernidade diluída em que, sem dúvida alguma, vamos entrando.

Em suma, estamos perante uma obra que merece ser lida por aquilo que ela é e apresenta, notavelmente, e no que pode em muito iluminar os teólogos e estudantes de teologia coevos, acerca do conhecimento do que é a realidade eclesial e académica católica contemporânea, sobretudo no que esta tem a ver com a temática, indubitavelmente pertinente, do amor conjugal e familiar e da relação que este tem com a espiritualidade cristã. Por isto mesmo, apenas podemos dar os parabéns ao autor pelo esforço que certamente colocou na redação deste estudo e à editora do seu instituto religioso pelo investimento que fez num estudo deste carácter e calibre.

Alexandre Freire Duarte